

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA – CARLOS REICHENBACH
7 de Outubro de 2022

AS LIBERTINAS / 1968

Um filme em três episódios realizados por Carlos Reichenbach, João Callegaro e Antonio Lima

Realização e Argumento: Carlos Reichenbach (“Alice”), Antonio Lima (“Angélica”) e João Callegaro (“Ana”) / Direcção de Fotografia: Waldemar Lima / Música: Salatiel Coelho / Som: George Wojtatschek / Montagem: Silvio Renoldi e Glauco Mirko Laurelli / Interpretação: Teresa Sodré, Mady Sand, Célia de Assis, Wilson Monteiro Filho, Eduardo Campos, Sonia Helena, Iracema Neves, etc.

Produção: Xanadu / Produtor: Wilson Monteiro Filho / Cópia digital, preto e branco, falada em português / Duração: 76 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Sessão apresentada por Sara Silveira.

Para entender um filme como **As Libertinas**, o contexto é (quase) tudo. O contexto de produção, bem entendido, embora o contexto da vida brasileira no final dos anos 60 também seja importante (mas esse adivinha-se melhor pelo que o interior do filme contém). Um dos centros de emergência da geração do “cinema marginal” (ou do “cinema pós-novo”, expressão, como temos dito, preferida por Reichenbach, Sganzerla, e outros) foi a Boca do Lixo, onde se faziam filmes baratíssimos, de fortíssimo pendor sexual (mais do que propriamente “erótico”), para alimentar o circuito das salas mais duvidosas de São Paulo e outras grandes cidades brasileiras. A especialidade da Boca do Lixo era a “porno-chanchada”, mas as condições que oferecia eram muitíssima apelativas para jovens candidatos a cineastas sem forma, nem meios, nem contactos, para entrarem na prática cinematográfica por uma porta mais, digamos, “séria”. Como resumiu, anos mais tarde, Carlos Reichenbach, referindo-se à colaboração com produtores desse meio, só havia uma exigência: “que espalhassem pelos filmes uma determinada quantia de sequências de sexo, nudez ou seminudez”. Cumprida essa “quota”, o resto era “carta branca” para fazerem o que quisessem e sobre o que quisessem. Como “trade off” entre liberdade e obrigação, era mais que apelativo para rapazes de vinte e poucos anos (23 tinha Reichenbach à época das **Libertinas**, contemporânea da sua estreia, **Esta Rua Tão Augusta**) desejosos de porem as mãos na massa. Ao mesmo tempo, a estrutura do filme em episódios cada qual com realizador diferente, se vivia uma época áurea (os anos 60 foram, sobretudo no cinema europeu, a grande década do “filme de sketches”, género frequentado pelos maiores e mais seguidos nomes), oferecia nestas condições de trabalho, para além de possibilidade de “imitar” os grandes autores europeu, uma vantagem crucial: pelo preço (já de se baratíssimo...) de uma longa-metragem, três realizadores (ou mais) podiam fazer o gosto ao dedo.

Assim nasceu **As Libertinas**, feito por três cineastas muito jovens (António Lima não conseguimos apurar, mas João Callegaro tinha os mesmos 23 anos de Carlos Reichenbach), filme que tenta injectar na “porno-chanchada” uma componente subversiva mais “auto-consciente” do que era habitual.

Uma boa medida dessa autoconsciência estará no segmento introdutório que antecede o genérico do primeiro episódio, “Alice”, o episódio de Reichenbach, que terá também sido o responsável por essa sequência pré-genérico. Há o plano em que o par (o velhote e a rapariga) entra num cinema para ver um filme chamado “As Libertinas” (com esta “tagline”: “o sexo começa com ‘As Libertinas’”). E há sobretudo, plano absolutamente inicial, a saída do homem de uma boca (de esgoto? Do lixo?...) do subsolo para o meio da rua e da luz do sol, como um Nosferatu a sair das profundezas – no que deve corresponder, como comentário à própria “origem de classe” do filme, à posição que Reichenbach e os seus pares, com maior ou menor ironia, reclamavam para si.

O filme – que Reichenbach mais tarde repudiava, como um trabalho de tirocínio em que já não conseguia ver nenhuma qualidade intrínseca – vê-se sobretudo por este valor histórico ou arqueológico, e pela atitude subjacente: encontrar o grande “cinema de autor” da época, os “dramas da burguesia” (ou da “classe média”), ainda que num passo paródico, e dar largas ao que, de um modo geral, esse cinema mantinha num grau bastante contido, a explicitação da questão sexual. As personagens são, de um modo geral, meramente silhuetas, e talvez seja difícil perceber a diferença entre este “exploitation” com auto-consciência e o “exploitation” mais genuíno. Mas tem que se notar, sobretudo no episódio de Reichenbach, o seu carácter de “nouvelle vague du pauvre” – nas cenas com as personagens em diálogos e manobras amorosas entre quatro paredes (como Belmondo e Seberg no **A Bout de Souffle**), naquele do homem que na praia corre para o mar (como Léaud nos **400 Coups**), era Godard e Truffaut que ele evocava em plena Boca do Lixo.

Luís Miguel Oliveira